

Ano III — Nº. 90 — Cr\$ 1,00
Rio de Janeiro, Janeiro de 1952

Momento Feminino





ATIVIDADES femininas



TELEGRAMA A D. DARCY VARGAS

As mulheres dos ferroviários de Ponta Grossa, em luta pela conquista do Abono de Natal, enviaram o seguinte telegrama à sra. Darcy Vargas:

«As mulheres dos ferroviários infra-assinados tendo passado 2 telegramas para seu digno marido pedindo abono de Natal, vem pedir a interferência de Vossa Excelência, porquanto, como mulher e mãe e ainda como protetora dos desprotegidos da sorte, sabe avaliar a situação crítica em que vivem os proletários da Rede Viação Paraná Santa Catarina onde ainda a maioria ganha seiscentos cruzeiros mensais.

Vossencia que está fazendo o Natal dos pobres no Rio, por certo atenderá este justo apelo. Rogamos a Deus pela saúde de Vossencia e sua família.

Seguem-se 73 assinaturas.

UNIÃO FEMININA DE ARAÇATUBA

As mulheres de Araçatuba (São Paulo) organizam-se para combater a carestia sempre crescente, a ameaça de uma nova guerra e pela proteção à infância.

Acabam de fundar uma União Feminina, cuja diretoria está assim constituída: Presidente — Maria do Amaral; Secretária — Ana de Lima e Tesoureira — Josefina Borges Cavalcanti.

FESTA DE NATAL

A Federação de Mulheres do Brasil ofereceu às crianças do Distrito Federal, da zona da Leopoldina, uma animada Festa de Natal, no recinto do cinema Rosário.

Os garotos assistiram a uma sessão de cinema infantil e em seguida receberam jogos e brinquedos.

Tiveram assim os meninos cariocas um pouco de alegria, neste triste Natal de 1951, de carestia e miséria.

NOVA DIRETORIA DA U. F. DE ASSIS

Em assembleia bastante concorrida foi eleita a nova diretoria, que ficou assim constituída: Presidente — Cacilda Pereira; vice-presidente — Zilda Luporelli de Moraes; primeira secretária — Leonor Santos Atroli; segunda secretária — Lourdes Zina Luporelli; primeira tesoureira — Carmem Rosa do Amaral; segunda tesoureira — Alzira Silva.

EM HOMENAGEM A ELISA BRANCO

Em regosio pela libertação de Elisa Branco foi realizado um chá dansante, com a presença de grande número de mulheres, durante o qual as mulheres de Assis reafirmaram seu desejo de intensificar a luta em defesa da vida de seus filhos, seguindo o exemplo daquela patriota.

POR UM PACTO DE PAZ

A União Feminina de Assis já coletou 5.236, o que bem demonstra suas atividades contra a guerra.

FESTA DE NATAL EM LARANJEIRAS

A União Feminina de Laranjeiras (Distrito Federal), realizou no dia 7 de janeiro uma interessante festinha para as crianças de 3 casas coletivas do bairro, onde residem algumas associadas.

Foram distribuídos 100 brinquedos entre os garotos, tendo cada socia recebido também um pacote de mate.

A sra. Irene Papi dirigiu algumas palavras aos presentes, em nome da União, explicando o motivo da festinha; falou também uma representante de MOMENTO FEMININO, dizendo que nosso jornal estará sempre à disposição das amigas em defesa de seus direitos.

Nessa ocasião foi lançado um Concurso Infantil de coleta de assinaturas por um Pacto de Paz — aos 5 primeiros vencedores que trouxerem uma lista cheia de assinaturas, serão ofertados lindos prêmios. Imediatamente se apresentaram 20 crianças, candidatando-se ao Concurso.



Associadas da União Feminina de Assis, manifestando-se contra o envio de tropas para a Coréia.

CONTRA A CARESTIA

A Federação de Mulheres do Espírito Santo, visando combater a carestia de vida sempre crescente no Estado (carne seca a cr\$ 24,00 o quilo; o café e cr\$ 30,00, o feijão a cr\$ 5,00 e as filas enormes de carne verde), resolveu instituir o Dia de

Combate a Carestia, no dia 20 de cada mês. Em dezembro foi realizada uma grande concentração de donas de casa em frente à Assembleia Estadual, por ocasião da qual foi entregue aos srs. Deputados um memorial sugerindo medidas práticas de combate ao alto custo de vida.

Mensagens Recebidas

MOMENTO FEMININO

recebeu saudações e votos de Feliz Ano Novo, das seguintes leitoras e amigas: Gilda Linhares, de Niterói (Est. do Rio); Lena Glície, do Distrito Federal; Maria Diniz, do Distrito Federal; Dorinha e Marlene Varela, do Distrito Federal. A todas essas amigas, agradecemos e retribuímos os votos de felicidades e êxito no ano de 1952.

CASAMENTOS

4 de Dezembro de 1951

Casaram-se nesta Capital os jovens Helena de Moura e Evaldo Alves, residentes na Tijuca. Helena é filha da sra. Elza Leão de Moura e do sr. Teófilo Leão de Moura, leitores e amigos de MOMENTO FEMININO. Desejamos felicidades ao jovem casal.

21 de Dezembro de 1951

Nossos amigos do Distrito Federal, a dra. Ieda Menezes e o sr. Rui Rocha, contrairam nupcias. Ao jovem casal, os parabens e votos de felicidades de nosso jornal.

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

17 de Setembro de 1951

Completo 15 primaveras a senhorita Edite Faete, filha de Elvira Rodrigues Faete e de Francisco Faete, nossos amigos da cidade de Lins, S. Paulo.

1 de Dezembro de 1951

Completo 5 anos de idade o menino Augusto César, filho de Leura Ramalho e Jeda Ramalho. Augusto foi homenageado por seus amiguinhos com uma coleta de 168 assinaturas por um pacto de Paz, tendo-se destacado uma garota de 11 anos, que coletou 60 assinaturas no Grupo Escolar Frei Eutiquio, de Maceió (Alagoas).

12 de Janeiro de 1952

Completo 13 primaveras a menina Nair Silva, filha de Antonio Silva e de d. Ana da Silva, residentes em Senador Camara, Distrito Federal. leitores e amigos de MOMENTO FEMININO.



Nadir Silva



EDITE TAETE

NASCIMENTOS

25 de Novembro de 1951

Maria Tereza, uma linda menina, filhinha de nossos amigos Zuleika Reis e Darwin Reis, residentes em Bangu, Distrito Federal.

17 de Dezembro de 1951

Nossos amigos do Distrito Federal, Ana Maria Macedo e José Macedo, tiveram seu lar enriquecido com o nascimento de uma linda garota, que recebeu o nome de Clarisse. Parabens aos papais.

17 de Dezembro de 1951

Maria Luiza Fernandes, filhinha de Armando Fernandes e sua senhora Abadia Patis, leitora de MOMENTO FEMININO, residentes em Uberaba, Minas Gerais. Felicidades aos amigos.

Salário Mínimo de Fome

O Sr. Getúlio Vargas deu como presente de Natal aos trabalhadores brasileiros um pouco de ilusão, que logo se desfez: o novo decreto de salários mínimos, vigentes em todo o país, a partir de 1.º de janeiro de 1952.

Foi feita uma grande propaganda em torno desse «presente» que, segundo o sr. Presidente da República, viria reparar injustiças e garantir a todo trabalhador uma vida decente e uma remuneração por seu trabalho.

Mas, o que significou na realidade esse decreto?

Ele foi assinado no fim do ano por duas principais razões: 1.º) — desviar as lutas dos trabalhadores em conquista do Abono de Natal, acenando-lhes com um salário mínimo mais elevado; 2.º) — impedir as lutas, cada dia mais intensas em todo o país, por aumento de salários — lutas essas que atingem à greve de dezenas de milhares de trabalhadores como a recente greve de aeroviários, que se estendeu a todo o Brasil.

Ouviu-se dizer que, por aquele decreto, o salário mínimo seria elevado para Cr\$ 1.200,00. Há dois enganos: em primeiro lugar, esse salário de mil e duzentos cruzeiros é válido somente para o Distrito Federal e além disso, dá apenas para não morrer de fome — pois quem pode pagar aluguel de casa de Cr\$ 1.000,00 (que é o preço de um quarto no centro da cidade) e ainda alimentar-se, vestir-se, calçar-se, etc.?

A dura realidade, escondida pela propaganda oficial, é que os salários mínimos fixados para todos os Estados do Brasil, não atingem muitas vezes nem Cr\$ 600,00, sendo que o do interior, dos municípios, é sempre bastante inferior ao da capital.

Sabemos que os salários das mulheres e dos menores são ainda, em toda parte, mais baixos que os dos homens e as condições de trabalho sempre mais difíceis — portanto, as mulheres e os menores continuarão a sofrer uma exploração ainda maior.

Os resultados da promulgação desse novo decreto não se fizeram esperar: até agora, já algumas dezenas de milhares de trabalhadores, principalmente moças recém admitidas, estão sendo dispensadas em massa, a fim de serem substituídas por menores, cujo salário mínimo foi fixado em Cr\$ 600,00. Já os patrões começam também aproveitando as brechas que o decreto lhes facultava, a buscar meios de burlar a lei, visando não cumprir sequer esse mínimo que foi estabelecido.

As mulheres trabalhadoras, que concorrem no Brasil em grande percentagem, em indústrias importantes como a têxtil, a farmacêutica e química, de vestuário e alimentação, entre outras, têm pela frente um longo combate na conquista de seus direitos. Fundamentalmente, porém, têm a grande batalha por melhores salários, para que não morram de fome, junto com seus filhos.

Essa luta por aumento de salários, geral e irrestrita, sem as limitações da assiduidade e sem prejuízo de outros direitos, é agora o caminho que as levará a combater a carestia sempre crescente, a preparação guerreira do governo Vargas, que gasta milhões com orçamentos de guerra e por milhares de famílias para todo o povo.

MOMENTO FEMININO



ISABEL VICENTE foi condenada, juntamente com outros 34 jovens antifranquistas espanhóis, acusada de haver organizado as grandiosas greves de Barcelona. Recentemente, Isabel foi anistiada. A medida porém não se estendeu a todos os presos.



O consagrado romancista brasileiro Jorge Amado, que se encontra na Europa há longo tempo, acaba de ser laureado com o Prêmio Internacional Stálin da Paz.

E' assim o povo brasileiro que, na pessoa de um de seus maiores escritores, se vê contemplado com um dos mais significativos prêmios, por sua imensa vontade de paz, já manifestada através dos milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco potências.

DESAPARECEM DOIS GRANDES DIPLOMATAS CONTEMPORANEOS

Causou profunda consternação em todo o mundo o desaparecimento de Maxim Litvinov e Jacob Suritz, ocorridos respectivamente no dia 31 de dezembro do ano findo e 2 de janeiro corrente, em Moscou.

Figuras da mais alta projeção no mundo contemporâneo, a ação política dos dois grandes diplomatas soviéticos recentemente desaparecidos, está ligada toda ela à ação de sua pátria, no que diz respeito à edificação do socialismo e à consolidação da paz mundial.

Maxim Litvinov, ex-ministro do Exterior da União Soviética foi companheiro de armas de Lenin e Stalin e teve uma atuação brilhante na extinta Sociedade das Nações.

Entre as altas autoridades do governo soviético presentes

no enterro viam-se o vice-ministro do Exterior Andrei Gromyko, na ausência de Vishinsky, que se encontra em Paris, Zaleriam Zorin, Gusev e outros.

Viam-se também representantes do corpo diplomático e coróas dos governos da República Popular da China, da Alemanha e dos governos das democracias populares. Litvinov recebeu todas as honras do Estado Soviético.

Jacob Suritz, que foi embaixador da União Soviética no Rio de Janeiro, chegou a esta capital no ano de 1946 permanecendo até 1947 quando por pressão do Departamento de Estado o governo do Brasil rompeu relações com a União Soviética, fato esse vivamente reprovado, por todo o povo do Brasil.



Continua cada vez mais intenso o conflito entre o povo do Egito, que luta contra a dominação inglesa na zona do Canal de Suez. Na foto, vê-se uma grande manifestação popular anti-inglesa na zona de Ismailia. A participação das mulheres egípcias na grande luta de todo o povo, tem sido das mais eficientes. Milhares de mulheres desfilam quase todos os dias nas ruas das principais cidades egípcias, exigindo que os ingleses abandonem a zona do canal.

Conferência Continental pela Paz

INTENSOS PREPARATIVOS EM TODOS OS PAISES DO CONTINENTE PARA MAIOR BRILHANTISMO DA PRÓXIMA CONFERÊNCIA CONTINENTAL AMERICANA PELA PAZ — PERSONALIDADES DE GRANDE RENOME SUBSCREVEM O MANIFESTO DE CONVOCAÇÃO — AS MULHERES BRASILEIRAS PARTICIPARÃO COM TODO O SEU ENTUSIASMO, ENTREGANDO MAIS DE MEIO MILHÃO DE ASSINATURAS AO APELO POR UM PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

As mulheres brasileiras intensificam a coleta de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências — mais de meio milhão de assinaturas já coletadas em todo o Brasil — São Paulo já contribuiu com mais de 200.000 assinaturas — lindos prêmios serão oferecidos às recordistas e aos Estados que superarem suas cotas.

Estados onde as filiais da F. M. B. já cumpriram suas cotas:

	Ass.
Pernambuco	63.603
Paraná	34.123
Bahia	26.000
Goiás	17.443
E. Santo	10.013
M. Grosso	5.000

Total de assinaturas 536.951

Marinete e Jean serão Libertadas

Maria Afonso Lins e Jean Sarkis, as duas patriotas condenadas a 4 anos e 6 meses de prisão por terem protestado contra o envio de nossos jovens para a Coreia, receberam todo o carinho e a solidariedade das mulheres cariocas por ocasião das festas de Natal e Ano Novo.

Várias comissões foram visitar essas duas amigas; na Penitenciária, onde se encontra Jean e na Prisão de Bangu, onde está Marinete.

Inúmeros presentes, além de duas lindas cestas de Natal, foram-lhes oferecidas. No dia de Natal, quando uma grande comissão chegava a Bangu para visitar Marinete, o diretor da Penitenciária, o arbitrário capitão Canepa, impediu as mu-

lheres de falarem a Marinete, só permitindo a entrada de uma única.

E' preciso que as mulheres de todo o Brasil intensifiquem a campanha pela libertação imediata dessas duas partidárias da paz, que não cometeram crime algum e estão submetidas a um regime de exceção, sem nenhum dos direitos que devem ser concedidos a prisioneiros políticos.

De todos os recantos do país devem ser enviadas cartas, telegramas e memoriais aos srs. Juizes do Supremo Tribunal Federal, pleiteando a sua absolvição.

Assim como ELISA BRANCO foi libertada, graças ao grande movimento de solidariedade popular, também Marinete e Jean serão libertadas.

Mensagem de Jean Sarkis

A partidária da paz Jean Sarkis, que se encontra presa condenada a 4 anos e 6 meses de prisão, enviou-nos a seguinte saudação:

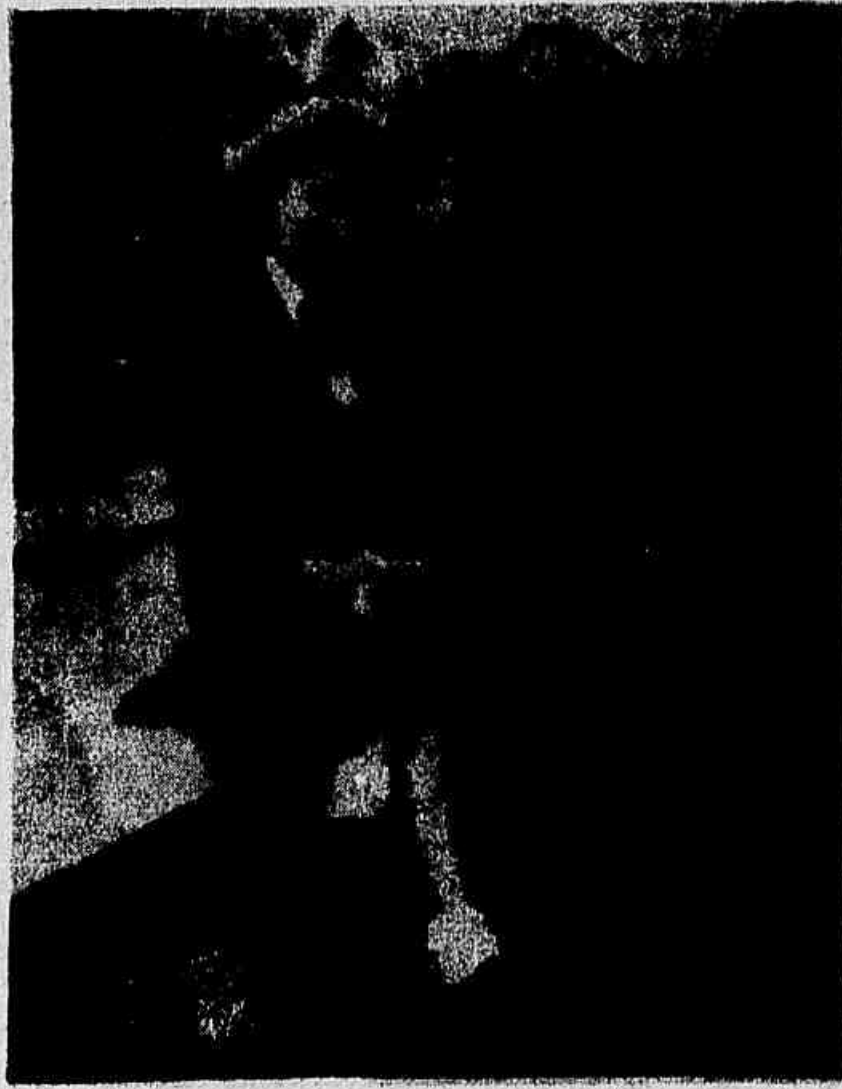
«Ao MOMENTO FEMININO os meus mais ardentes votos de felicidade e prosperidade. Viva a Paz».

Aniversário de Marinete

A 15 de janeiro, Maria Afonso Lins completou mais um ano de vida, desta vez, entre as 4 paredes de uma triste cela de prisão.

Suas amigas e companheiras, querendo levar-lhe um pouco de carinho nesse dia, foram dar-lhe um abraço de parabéns e reafirmar sua disposição de prosseguir com mais intensidade ainda na campanha por sua libertação e a de Jean Sarkis, bem como de todos os presos e perseguidos políticos.

A União Feminina de Laranjeiras ofereceu a Marinete um lindo bolo de aniversário.



No dia 3 de janeiro, completou 51 anos de idade o grande líder e dirigente do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes.

Este ano, foi obrigado a comemorar seu aniversário longe da filha querida, distante no exílio, longe da família, pois é mais uma vez um perseguido político. Sua liberdade e sua própria vida correm perigo. O governo do sr. Getúlio Vargas, prosseguindo com intensidade no caminho da preparação guerreira, move-lhe um processo

farsa, visando lançá-lo, uma vez mais, à prisão. Vemos nos dois clichés acima grandes de Prestes em família: numa fotografia em Sepetiba, ao lado de Anita Leocádia e num jardim em Porto Alegre ao lado de sua prima Ana Izabel. «Momento Feminino» cumprimenta o valoroso dirigente político e lhe hipoteca toda solidariedade em sua luta patriótica em defesa da independência de nossa Pátria e da Paz mundial.

"A Militância da Paz"

Gabriela Mistral, a laureada poetisa chilena, prêmio Nobel de Literatura, escreveu uma linda página sobre a Paz. Tão linda e tão verdadeira que correu mundo, tornando-se um patrimônio de todos os povos.

No entanto, as palavras contidas no seu trabalho são simples. Diz ela:

«Tenham coragem, meus amigos. O pacifismo não é a geléia adocicada que alguns supõem: a coragem cria em nós uma convicção impetuosa que não pode ficar estática. Digamos essa palavra todo dia, onde quer que estejamos, por onde quer que andemos, até que tome corpo e crie uma «militância da paz», que sature o ar denso e sujo até purificá-lo.

Continuem pronunciando essa palavra contra o vento e a brisa do mar, mesmo que fiquem uns três anos sem amigos. O repúdio é duro, a solidão costuma produzir alguma coisa como o zumbido dos ouvidos que se sente descendo às grutas... ou às catacumbas. Não importa, amigos; é preciso continuar!»

E' preciso continuar. Tal é a grande mensagem de Gabriela Mistral. Continuar a repetir a palavra Paz, torná-la uma gula de ação, a militância de cada minuto.

«Mesmo que fiquemos três anos sem amigos», diz ainda Gabriela Mistral. Sim, quantos de nossos amigos estão hoje afastados de nossa convivência porque compreenderam a grandeza da luta pela Paz. Isso, porém, nada significa, senão a covardia dos poderosos, a prepotência de uns poucos para quem a guerra não significa o sangue de seus filhos, mas o lucro desenfreado em seus negócios.

O POVO BRASILEIRO DESEJA A PAZ, MAS...

O Governo Brasileiro Deseja Aparelhar a Força Aérea Brasileira
Comprando Dezenas de Bombardeiros Pesados.

CADA BOMBARDEIRO CUSTA 70 MILHÕES
DE CRUZEIROS

Com esse dinheiro se poderia fazer:

- a construção de mil casas de tipo popular.
- 10 hospitais com 100 leitos em cada um.
- Distribuição de 1 litro de leite para 800.000 crianças, durante 1 mês.



★ ★ ★ ★ ★
O GOVERNO BRASILEIRO DEU 50 MILHÕES
DE CRUZEIROS PARA AJUDAR A GUERRA DA
COREIA —

Com esse dinheiro, deixou de construir:

- 10 escolas primárias urbanas.
- 5 ginásios urbanos.
- 32 escolas primárias rurais.



A GABRIELA
MISTRAL

Um nome tão simples,
a força que tem.

Três letras apenas,
três letras pequenas,
não custa dizer.

Joguemos o nome
por onde passarmos
e o nome tão simples
veremos crescer.

Joguemos o nome
por onde passarmos.
Joguemos ao vento
e à brisa do mar.

Um nome tão simples,
tão fácil,
três letras,
cantemos, cantemos,
joguemos ao ar.

Passando fronteiras,
crescendo, crescendo,
veremos o nome
se multiplicar.

Veremos os homens
de todas as raças
de todas as línguas
na paz se encontrar.

Joguemos o nome
— ó sim, Gabriela —
por onde passarmos
e onde estivermos;

aos mais distraídos,
aos desesperados,
e todos um dia
nos hão de escutar.

Joguemos o nome
por onde passarmos.
A paz em teus versos,
nos meus ainda a paz.

A paz despontando
nos cantos do povo,
No canto dos ventos
a paz a cantar.

O nome crescendo,
subindo,
irrompendo,
criando raízes
no peito dos homens.

O nome brotando
de todas as bocas,
em todas as línguas,
na terra e no mar.
Três letras apenas,
três letras pequenas,
um nome tão simples,
a força que tem.

Cantemos o nome,
cantemos,
cantemos,
joguemos o nome
que vai germinar.

Por onde passarmos,
e onde estivermos,
e até mesmo os surdos
nos hão de escutar.

Lila Ripoll

★ EM MARÇO DE 1952, NO RIO DE
JANEIRO, A CONFERÊNCIA CONTINENTAL
AMERICANA DE DEFESA DA PAZ ★

Doze



Meses

Conto Slavo de S. MARSHAK

— Saber quantos meses tem um ano?

— Doze.

— E como se chamam?

— Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

— Logo que acaba um mês começa outro. E nunca aconteceu que fevereiro chegasse antes de terminar janeiro, ou que março viesse antes de abril.

— Os meses seguem um atrás do outro e nunca se encontram.

— Mas contam que no montanhoso país da Boêmia havia uma menina que viveu os doze meses do ano de uma só vez.

— Como foi isso?

— Verás como foi.

Numa pequena aldeia vivia uma mulher malvada e avarenta com uma filha e uma enteada. Gostava muito da filha, mas não podia suportar a enteada. Tudo que a enteada fazia estava mal feito, tudo deveria ser feito ao contrario do que fizera.

A filha passava todo o dia atirada num colchão de plumas, comendo biscoitos, enquanto a enteada, de manhã até a noite, não podia sentar-se um só momento: ou tinha que carregar água, ou trazer lenha do bosque, ou arrancar a erva da horta, ou lavar a roupa no riacho.

Ela conhecia o frio do inverno e os ardores do verão; os ventos da primavera e as chuvas do outono. Talvez por isso tivesse conseguido ver uma vez juntos os doze meses do ano.

Era inverno. Corria o mês de janeiro. Caía tanta neve que era necessário tira-la das portas com pás, e no bosque, nas montanhas a neve amontoava-se nas árvores tão copiosamente que nem se moviam quando o vento soprava sobre elas.

As pessoas ficavam em casa e acendiam as estufas.

Uma vez, durante a noite, a malvada madrasta entrou na porta, viu os torvelinhos da borrasca e depois voltando para junto da estufa, disse à enteada:

— Precisas ir ao bosque colher «flores de neve». Amanhã é o aniversário de tua

irmãzinha.

A menina olhou para a madrasta. Gracejava, ou de verdade mandava-a ao bosque? Ir então ao bosque era terrível! E como podia encontrar «flores de neve» em pleno inverno? Não brotaram antes de março. A única coisa que pode acontecer é a pessoa perder-se no bosque ou atolar-se nos montões de neve.

A irmã lhe disse:

— Se te perderes, não tens ninguém que chore por ti. Por isso vai e não voltes sem as flores. Toma um cesto.

A menina chorou, envolveu-se num lenço rasgado e saiu.

O vento enchia-lhe os olhos de neve, rasgava-lhe o lenço. Ela andava com muito trabalho, levantando os pés que se fundiam na neve. Em volta tudo estava escuro. O céu estava negro, nem uma estrela olhava para a terra, e a terra era um pouquinho mais clara, graças à neve.

Chegou ao bosque. Escurecera completamente. Não via nem as próprias mãos. A menina sentou-se no tronco de uma árvore.

De repente, começou a brilhar entre as árvores uma luz, como se fosse uma estrela, que se enredasse entre os ramos.

A menina levantou-se e dirigiu-se àquela luz. Afundava na neve. Atravessou os torvelinhos. — «Contanto que não se apague» — pensava. E não se apagava. Brilhava cada vez mais esplandescente. Já sentia o odor perfumado do fumo e ouvia o crepitar das pinhas no fogo.

A menina apertou o passo e chegou a um claro bosque. Então parou. O claro do bosque que estava iluminado como se houvesse sol. No meio, ardia uma fogueira que quase chegava até o céu. E em redor da fogueira havia uns homens sentados uns muito perto do fogo, outros mais distantes. Falavam em voz baixa.

A menina olhou-os e disse para si mesma: «Quem serão? Não parecem caçadores; lenhadores, menos ainda, estão muito bem vestidos, uns de prata, outros de

ouro, outros de veludo verde.

Pôs a conta-los e contou doze: três velhos, três de meia idade, três jovens e os três últimos eram quase meninos.

Os jovens estavam sentados ao lado do fogo e os velhos mais distantes.

De repente um velho levantou-se; era o mais alto, barbudo, com umas sobrancelhas muito grossas e olhou para o lugar onde estava a menina.

Ela se assustou e quis correr, mas já era tarde. O velho perguntou-lhe com voz forte:

— De onde vieste? Que vens buscar aqui?

A menina mostrou-lhe o cesto vazia e disse:

— Tenho de encher esta cesta com «flores de neve».

O velho sorriu:

— «Flores de neve» em janeiro? Vejam só!

— Não fui eu quem resolvei isto — respondeu a menina — minha madrasta mandou-me buscar as flores e não poderei voltar com o cesto vazio.

Então os doze homens a olharam e começaram a falar. A menina escutava e não entendia palavra, como se não fossem os homens mas as árvores que murmuravam.

Falaram, falaram e finalmente calaram-se.

Outra vez, o velho alto voltou-se e perguntou:

— Que acontecerá se não encontrares as «flores de neve»? Porque antes do maio não apareceu.

Ficarei no bosque — disse a menina — Esperarei o mês de março. É melhor gelar no bosque do que voltar para casa sem as «flores de neve».

Dizendo isto começou a chorar.

De repente, um dos doze, o mais jovem, alegre, com o abrigo de pele jogado no ombro, levantou-se e aproximou-se do velho.

— Irmão Janeiro, dê-me seu posto por uma hora.

O velho acariciou a comprida barba e disse:

— Eu o daria a ti, mas assim março passará antes de fevereiro.

— Bem, gritou outro velho, todo desganhado e de barba emaranhada. Deixa-o

passar, eu não reclamarei. Todos conhecemos bem a menina. Já a vimos ora com uns potes tirando água de um buraco feito no gelo, ora no bosque com um feixo de lenha. Cada um de nós por sua vez. Devemos ajudá-la.

— Bem, seja como você disse.

— contestou Janeiro.

E golpeando a terra com seu cajado de gelo, pronunciou estas palavras mágicas:

Cessai gelos de rugir nos bosques sem caminhos e de roer as cascas dos olmos e dos pinhos. Que cesse o corvo de congelar-se e a vivenda humana de esfriar-se.

O velho calou e o bosque ficou silencioso. O gelo deixou de ranger nas árvores e a neve começou a cair copiosamente em grandes flocos macios.

— Bom, agora é tua vez, irmão, — disse Janeiro e tocou com seu báculo no ombro do irmão mais jovem, o desganhado Fevereiro. Este deu um golpe com o cajado, sacudiu a barba e cantou:

Desencadeai na noite, ventos, ciclones, tormentos, torvelinhos e furacões soprai com toda a força. Que vossas trompas soprem sobre as nuvens e a terra e que a ligeira e branca lebre corra nos campos e na terra.

Logo que acabou de cantar começou um vento úmido a rumorejar nos ramos. Giravam os flocos de neve formando na terra brancos rodamosinhos.

E Fevereiro tocou com seu cajado de gelo em seu irmão mais jovem e disse:

— Agora é a tua vez, irmão Março.

O irmão menor apanhou o báculo e golpeou a terra.

A menina olhou e viu que o cajado se convertera num galho cheio de brotos. Março sorriu e cantou com toda sua sonora voz de rapaz:

Que cresçam as ervas, que corram os rios, e que salam as formigas de traz dos hibernais frios. Que abram passos os ursos entre os galhos mortos e cresçam

Que correm os passaros e as flores de neve do rosário.

A menina juntava as mãos assombrada. Onde estavam os montões de neve? E os pedaços de gelo que caíam de cada ramo?

Sob os pés, sentia a branda terra primaveril. As águas do degelo corriam, murmuravam em redor, rebentavam os brotos nos ramos e apareciam as primeiras folhas verdes.

A menina olhava, olhava, não podia deixar de olhar.

— Que fazes aí quieta! — disse-lhe Março —. Apressa-te. Meus irmãos deram-te apenas uma hora.

A menina saiu do seu assombro e correu a buscar as «flores de neve». Havia tal quantidade que a vista se perdia nelas. Viam-se em toda parte, sob os arbustos e as pedras, nos montículos. Colheu até encher a cesta, encheu também o avental e correu outra vez ao claro onde ardia a fogueira e onde estavam os doze irmãos.

Mas onde as colheites? A menina contorlhes tudo, tal como sucedia. As duas esbentavam movendo a cabeça sem saber se acertar ou não. Era difícil acreditar, mas em cima do banco havia um montão de flores de neve, frescas, dadas! Tal como as da mãe de março.

A madrastra voltou-se para a menina e perguntou-lhe:

— E os meses não te deram mais nada?

— Eu nada mais lhes pedi.

— Tonta, bôba! — disse a irmã. — A única que durante séculos encontra os doze meses juntos e não lhes pede mais que «flores de neve»! Eu, em teu lugar, saberia o que pedir-lhes. A uns, maçãs e peras doces; a outro, morangos maduros; ao terceiro, cogumelos brancos; ao quarto, pepinos frescos!

— Que filha tão capeta! — exclamou a madrastra —

Mal acabara de pensar, quando viu ao longe, um fogo, tal como uma estrela movendo-se nos ramos.

Dirigiu-se para lá. Andou adivinhar e chegou ao claro. No meio do claro ardia uma fogueira grande e em redor da fogueira estavam sentados os doze irmãos, os doze meses. Conversavam em voz baixa.

A filha da madrastra aproximou-se da fogueira, não cumprimentou e sem dizer palavra, sentou-se no mesmo lugar para aquecer-se.

Os meses irmãos calaram-se. O bosque ficou em silêncio. De repente, o mês de Janeiro, golpeou a terra com seu cajado.

— Quem és tu? — perguntou — De onde vieste?

— De minha casa — respondeu a filha da madrastra — Há pouco vocês deram a minha irmã uma cesta cheia de «flores de neve». Eu vim recolhendo suas pegadas.

— Tua irmã é nossa conhecida — disse o mês de

O mês Janeiro sorriu — Busca o verão no inverno!

Agitou as largas mangas e se elevou, no bosque um torvelinho de neve que subia da terra ao céu e que cobria as árvores e o claro do bosque em que estavam os irmãos. A neve fez a fogueira invisível, só se ouvia silva e fogo, crenta, consumir-se.

A filha da madrastra levou medo.

— Basta! — gritou.

Mas, onde estava?

O torvelinho de neve girava, cegava os olhos, cortava-lhe a respiração. Lançou-se num montão de neve, a neve tragou-a.

E a madrastra ficou esperando sua filha. Olhava pela janela, saiu à porta. Nada não aparecia.

Então vestiu roupas de abrigo e seguiu para o bosque. Mas é possível encontrar alguém no bosque espesso entre tais torvelinhos e com tanta escuridão?



Mas ali já não havia fogueira nem estavam os irmãos. O sítio estava iluminado mas não como antes. Não era a luz do fogo, mas a de todo os meses que se elevavam sobre o bosque.

A menina sentiu não poder agradecer-lhes e correu para casa.

Sem sentir os próprios pés chegou até a porta e logo que entrou na casa, o furacão do inverno começou a aulir de novo e os meses se esconderam nas nuvens.

— Que? — perguntaram-lhe a madrastra e a irmã —, já voltaste? E as «flores de neve» onde estão?

A menina não respondeu. Esvasiou o avental sobre um banco e pôs ao lado a cesta.

A madrastra e a irmã abriram a boca assombradas.

Os morangos e as peras não têm preço no inverno. Venderíamos tudo e pensa no dinheiro que ganharíamos! E esta imbecil vem com «flores de neve». Veste-te, filha. Abriga-te bem e vai ao claro do bosque.

— Veste as luvas, fecha bem o abrigo de pelos!

Mas a filha havia saído. Corria para o bosque.

Seguiu as pegadas da irmã. «Depressa, depressa, — pensava — até encontrar a clareira».

O bosque estava cada vez mais espesso, mais escuro. Montões de neve cada vez mais altos, como uma muralha de neve. — Oh, — pensou a filha da madrastra — porque vim ao bosque. Agora estaria na cama quente e aqui vou gelar. Vou perder-me!

Janeyro. Mas a ti nem uma só vez te vimos. Tu, que quezes de nós?

— Venho pedir presentes — Que o mês Junho dê-me morangos. Uma cesta cheia dos grandes. E o mês Julho pepinos frescos e cogumelos brancos, e o mês Agosto peras e maçãs doces. E o mês Setembro nozes e avelãs maduras.

— Calma, calma, disse Janeyro. O Verão não vem antes da primavera, nem a primavera antes do Inverno. Falta ainda muito para o mês de Junho. Eu agora sou dono do bosque, trinta e um dias reinarei aqui.

— U! que mal gênio — disse a filha da madrastra. — Eu não vim por tua causa, de ti só posso esperar neve. Eu necessito os meses de verão.

Andou, andou, procurou, até que ela mesma ficou gelada.

Assim ficaram as duas no bosque esperando o verão.

E a enteada viveu muito tempo. Cresceu, casou-se e teve filhos. E contam que ao lado de sua casa havia um jardim maravilhoso que nunca se vira no mundo outro igual. Neste jardim, antes que em qualquer outro lugar, abriam-se as flores, amadureciam as peras e as maçãs. Durante os calores, ali era agradável e durante as tempestades de neve a temperatura era suave.

E isto porque, dizem as pessoas, os doze meses obsequiam juntos a menina.

Quem sabe? pode ser que sucedesse mesmo assim.

Carnaval



Chinesa

Apresentamos às Nossas Leitoras Alguns Modelos
de Fantasias para o Próximo Carnaval



Bahianinha



Bahiana



Holandeses



Toureiro



Pierrot



Camponesa



COZINHA



Ajantarado para os Dias de Carnaval

VIRGINIA

ALGUNS CONSELHOS PARA AS DONAS DE CASA

TIRE AS MANCHAS DE SUA ROUPA — As manchas de banha, manteiga, cera ou graxa se tiram colocando a mancha entre dois mata-borrões e passando-se o ferro quente por cima. Depois, passe Benzina, ou Eter, Amoníaco, Talco ou Água quente com sabão.
..As manchas de Batom se tiram com Benzina ou Tetracloreto de carbono (que se compra nas farmácias).

As manchas de Café saem com água morna, ou com Glicerina, Ácido tartárico 20%, Água oxigenada.

As manchas de Ferrugem se tiram com água e sumo de limão.

As manchas de Tinta de escrever saem com água morna, Sumo fresco de limão ou leite azedo, que se deve passar na mancha, antes de molhar a peça de roupa.

D. ALICE TIBIRIÇA

No dia 9 de janeiro completaria mais um aniversário de nascimento nossa



querida e saudosa amiga, primeira presidente da Federação de Mulheres do Brasil, Dona Alice Tibiriça.

«MOMENTO FEMININO» evoca sua memória, nesta data, e rende-lhe, um preito de saudade.

Dona Alice Tibiriça estará sempre presente no grande movimento feminino de nossa Pátria, em defesa dos direitos das mulheres e das crianças, por um futuro prospero e feliz, por um mundo de paz.

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS DR. FRANCISCO DE SA PIRES

Psicoterapia e Análise
Professor de Clínicas Psiquiátrica
RUA SANTA LUZIA, 732, S/ 718, 7.º ANDAR
Diariamente

LUIZ WERNECK DE CASTRO

Advogado

RUA DO CARMO, 40, 2.º ANDAR, SALA 25
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
Fone 23-1064

EXCETO AOS SABADOS

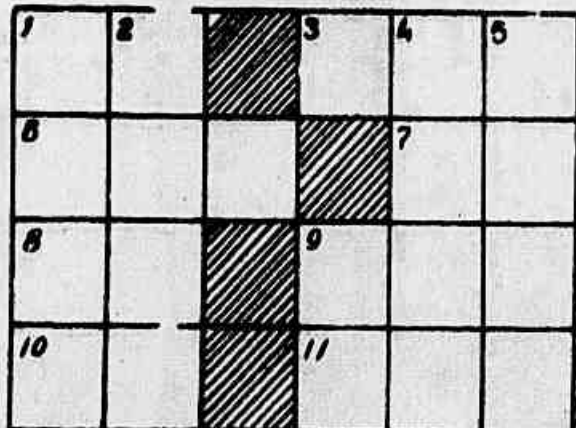
Palavras Cruzadas

HORIZONTAL

- 1 — Carta de baralho
- 3 — Felicidade
- 6 — Doença
- 7 — Filho de jumento e égua.
- 8 — Outra coisa
- 9 — Muitos
- 10 — Batraquão
- 11 — Reza

VERTICAL

- 1 — Gostar



1) — COSIDO A BRASILEIRA

Nem todo péso de carne serve para fazer o cozido, assim como nem todas as verduras são apropriadas. A carne empregada deve ser fresca e peso proprio é a carne de peito ou costelas, ou ainda capa de filé.



Usa-se no cozido o paio, toucinho de fumeiro e chouriço de Padre. As verduras usadas são: repolho, couve, batata doce, aipim, maxixe, quiabo, abóbora e banana da terra.

odo de preparar: Encha de água uma panela grande, deite sal, rodela de cebola, alho socado, (o cozido não se refoga). Quando a água ferver, despeje dentro da panela o chouriço do Padre, o toucinho de fumeiro e o paio. Junte a carne e deixe ferver, até começar a amolecer (cuidado para não deixar espapar). Quando a carne estiver principiando a amolecer, juntar as verduras, e começar pelas mais duras. Deite assim na panela o maxixe, o aipim e a couve, deixando por ultimo a abóbora e o quiabo no fim a banana da terra. Assim que os legumes forem ficando cozidos, devem ser retirados logo, para não virarem uma papa.

Depois de pronto o cozido, o caldo é aproveitado para fazer o pirão, co mfarinha de mesa.

★ ★ ★

2) — CARURU A BAHIANA

Ingredientes: uma garrafa de azeite de dendê (Flor do Dendê);

1 quilo de camarão seco.

1/2 quilo de quiabo;

Uma xícara de farinha de mandioca;

Pimentas verdes, alho socado, cebola, sal, 1 pimentão e temperos verdes.

Modo de preparar: Tirar as cascas do camarão e deixa-lo de molho até tirar o excesso de sal. Fazer um bom refogado no azeite doce (ou em

óleo Rubi, Saúde, Patrão, etc.), com todos os temperos. Junte depois o camarão e uma xícara e meia de água e os quiabos cortados em rodelinhas, deixando cozinhar bem. Engrossar depois com a farinha e, caso seja necessário, juntar mais água e deixar ferver, mexendo sempre para não embolar. Por ultimo, despejar o azeite de Dendê até ficar amarelinho.

Come-se o caruru com arroz.

★ ★ ★

3) — BOLO MARINETE

Tome 250 grs. de manteiga, 250 grs. de açúcar, 250 grs. de farinha de trigo, 5 ovos, 200 grs. de ameixas pretas, uma caixinha de passas sem caroço, um pires pequeno de amendoas picadas e 1 pires de nozes, 2 colherinhas de fermento Royal e 1 cálice do Vinho do Porto.

MODO DE FAZER: Bater bem a manteiga com açúcar até ficar branco, juntar os ovos inteiros, continuando a bater. Depois, juntar a farinha de trigo e por ultimo as ameixas, as passas, as nozes e amendoas e, no fim, o vinho, mexendo sempre. As ameixas devem ser bem cozidas numa calda (3 colheres

de açúcar em duas xícaras de água); depois de bem amolecidas, deve-se separar os caroços, despejando as ameixas com a calda.

Untar bem a forma e levar ao forno, brando. Depois de



pronto, e frio, fazer uma glaze com raspa de limão e cobrir o bolo.

MOMENTO FEMININO

Vidas Secas

Romance de Graciliano Ramos

CAPÍTULO IV

SINHA VITÓRIA

Acocorada junto às pedras que serviam de trenpe, a saia de ramagens entre as côxas, Sinhá Vitoria soprava fogo. Uma nuvem de cinza voou dos tições e cobriu-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe os olhos, o rosário de contas brancas e azuis desprendeuse do cabeção e bateu na panela. Sinhá Vitoria limpou as lágrimas com as costas das mãos, encarquilhou as palpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas.

Labaredas lamberam as achas de angico, esmoreceram, tornaram a levantar-se e espalhar-se entre as pedras. Sinhá Vitoria aprumou o espinhaço e agitou o abano. Uma chuva de faíscas mergulhou num banho luminoso a cachorra Baleia, que se enroscava no calor e cochilava embalada pelas emanções da comida.

Sentindo a deslocção do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapecar o pêlo e ficou observando maravilhada as estrelinhas que se apagavam antes de tocar o chão. Aprovou com um movimento de cauda aquele fenomeno e desejou expressar a sua admiração à dona. Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando e ergueu-se nas pernas trazeiras, imitando gente. Mas sinhá Vitoria não queria saber de elogios.

Arreda!

Deu um ponta-pé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionarios.

Sinhá Vitoria tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propositos, dissera ao marido umas inconveniencias a respeito da carna de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: « Hum! hum! » E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender. Deitara-se na rede e pegara no sono. Sinhá Vitoria andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem (queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé.

Avisinhrou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois

de barro, que sacavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

Fazia mais dum ano que falava nisso ao marido. Fa-

caçaça. Ressentido, Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinhá Vitoria ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equi-



biano a principio concordara com ela, mastigara calculos tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o movel necessario economico na roupa e no querosene. Sinhá Vitoria respondera que isso era impossivel, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candieiros na casa. Tinham discutido, procurado cortar outras despesas. Como não se entendessem, sinhá Vitoria aludira, bastante aze-

da, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e librava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito.

Desfeitas essas nuvens, certos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado.

Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingivel e misturava-a às obrigações da casa.

Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fa-

biano roncava, tirou do caritô o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar. O chocalho da vaca laranja tilitou para os lados do rio. Fabiano era capaz de se ter esquecido de curar a vaca laranja. Quis acordá-lo e perguntar, mas, distraiu-se olhando os chiquechiques e mandacarús que avultavam na campina.

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando — se dá seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho, uma ave Maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do eitão, entrou na cosinha.

E' capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja.

Agachou-se, aticou o fogo, panhou uma braza com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de quari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e caiu no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava. Fez varias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia.

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco dagua. Agua salobra.

—Iche!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultaneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. Encostou o furabolo à testa, indecisa. Em que estava pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, largos, os grandes artelhos muito separados dos outros. De

Cont. na pag. 14

Impressões de uma Visita à ESPANHA

Racionamento e câmbio negro — crianças cegas que mendigam — Quanto ganha um operário e quanto custa uma lata de azeite — E' preciso pagar para entrar na igreja — Longe da cidade e cercado de tropas, vive Franco.

«MOMENTO FEMININO» teve oportunidade de ouvir uma senhora brasileira que durante uma semana, pôde sentir de perto o ambiente de miséria e opressão do regime de Franco.

Inquirida sobre a situação alimentar em Madrid, respondeu-nos:

— Há mais peixe que carne: esta é coisa rara; as frutas e verduras se encontram por preços muito elevados. O pão que se come é preto, horrível; existe pão branco, mas somente no câmbio negro. O povo come quase sempre apenas marisco com arroz ou sopa de marisco ou marisco puro...

E acrescenta:

— Tenho uma filhinha de meses e, a conselho médico, fui obrigada a dar-lhe leite em pó, pois o leite natural não merece a menor confiança em Madrid. Os artigos não encontrados nos armazéns, são apregoados abertamente no câmbio negro que, assim, se torna uma instituição oficializada.

Falou-nos ainda um pouco mais das condições de vida do povo:

— Tudo lá está racionado, inclusive o azeite. Um litro de azeite custa 36 pesetas no câmbio negro. Sabendo que um operário ganha apenas 20 pesetas por dia, vemos como é baixo o seu nível de vida.

E os operários, soube se são beneficiados por leis trabalhistas? perguntamos.

— Não. Não têm direito a férias, nem ao repouso remunerado. O patrão, a seu critério, pode dar-lhes trabalho de noite ou de dia. Os salários, são baixíssimos. Uma telefonista, por exemplo, conforme constava do anúncio de um concurso, ganha apenas 400 pesetas por mês. (isto era anunciado como salário ótimo!).

Quais os aspectos de Madrid que mais a impressionaram?

— Duas coisas impressionam, logo à primeira vista: o policiamento ostensivo e o grande número de cegos e mendigos. Crianças famintas e cegas pedem esmolas nas ruas e caminhos atacadas pelo terrível tracoma, apesar do aspecto bonito do centro da cidade, a miséria dos arredores é indescritível. Os guardas civis, que estão por toda a parte, conduzem armas automáticas e vecem controle dos edifícios residenciais que, à noite, só são abertos aos próprios moradores.

Pode informar-nos alguma coisa sobre a divulgação cultural?, perguntamos a seguir.

— Para mostrar a deturpação que sofre a educação, basta dizer que nos livros escolares, sobre História da Literatura Francesa, por exemplo, não é feita referência alguma a Balzac, Flaubert, Zola, etc.. Circulam apenas jornais pertencentes ao



Na Espanha de Franco, milhares de crianças só conhecem a miséria, a fome e o desespero. Elas são o produto de uma ditadura cruel e corrompida. (Foto de «Picture Post», de Londres).



A ditadura franquista reduziu milhares de espanhóis, de todas as idades, à mendicância. Eis aí crianças e adultos pedindo pão aos passageiros, numa estação.

governo, de qualidade gráfica inferior. E um cidadão espanhol com quem falei, me disse: «Isto é um verdadeiro campo de concentração, nem falar é possível».

— O DIP franquista funciona dia e noite, exaltando as obras do governo e seus adeptos. O povo não tem liberdade de opinião.

— A campanha da Paz é considerada criminosa e passível de penalidades — mas sentimos que o povo odeia a guerra, odeia o regime de opressão e deseja paz e liberdade.

Nossa entrevistada acrescentou à nossa conversa dois fatos que atestam o regime fascista que oprime a Espanha e a preparação guerreira do governo de Franco:

— E' tão grande a ganância da Igreja por dinheiro, que constatei, assombrada, que para entrar na Catedral de Toledo, cobra-se uma entrada de 5 pesetas, para serem vistos seus tesouros artísticos. Nem em Roma vi semelhante coisa!

— Para terminar, disse-nos nossa informante, quero dizer que o tirano que oprime a Espanha só consegue viver num palácio distante 15 kms de Madrid, chamado «El Pardo», o qual é guardado, ao longo de toda a estrada, em intervalos de 100 a 200 metros, por sentinelas embaladas e a cavalo. Em torno do palácio há tropas, inclusive a célebre «guarda-moura».

Tais foram as principais declarações que nos prestou essa patriciã que durante oito dias sentiu todo o terror a que está submetido o valeroso povo espanhol. Apesar disso, porém, a luta de todo o povo e de suas corajosas mulheres, intensifica-se dia a dia, pela defesa da paz, contra a miséria e contra o fascismo.

Estamos certas de que essa luta, que conta com a solidariedade dos povos de todo o mundo, trará à martirizada Espanha a sua libertação — trar-lhe-á o pão, a paz e a liberdade!

OFICINA DE CONSERTOS

ELETRO-MECANICA

DARWIN DA SILVA REIS

Rádios, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas, Ferros, Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos, Fogões e Gás, Etc.

F O N E 4 2 - 0 9 5 4

Como Vivem os Ferroviários de Sete Lagoas

MAES PREOCUPADAS COM O FUTURO DOS FILHOS — O ARMAZEM DA CENTRAL NAO É PROPRIAMENTE UM ARMAZEM — OBRIGADOS A COMPRAR REMEDIOS PARA REVENDER — O ANO DE 1951 FOI UM ANO DE AUMENTOS NO CUSTO DE VIDA

CRIANÇAS ABANDONADAS

As ruas de Sete Lagoas estão cheias de meninos e rapazes desocupados. Não existem escolas profissionais, nem ocupação para os adolescentes. Os pais ganham

muito pouco, por isso ficam os meninos descalços e mal vestidos abandonados pelas ruas. As mães cada dia mais se preocupam com o destino dos filhos.

SERÁ REALMENTE UM ARMAZEM?

É revoltante a situação do armazem da Central. Além dos generos serem enviados em pequena quantidade, primeiro são servidos os chefes, e os suprimentos aos ferroviários são cortados pela metade. São obrigados, em vista disso, a comprar remédios na farmácia, revendê-los pela metade e comprar mercadorias em estabelecimentos particulares. É uma

transação que leva maior miséria aos lares, às famílias já tão sacrificadas dos ferroviários.

Os tecidos também constituem um problema. O que sobra para as mulheres dos ferroviários é o que chamam por lá de «sucata», isto é, resto. Antes, tudo o que chega de melhor é escolhido, a portas fechadas, pelas famílias dos chefes.

REMEDIOS NAO EXISTEM

Como foi dito acima, as deficiências do fornecimento no armazem e as urgentes necessidades obrigam os fer-

roviários a comprar remédios para vender fora — alguns raros vidros de fortificantes que aparecem nas prateleiras quase vazias da farmácia.

Parece que há um acordo com as farmácias particulares da cidade. Por isso, muita gente fica sem tomar remédio. Não

é possível aviar uma receita na Farmácia da Central e nem existe dinheiro para comprar fora.

O ANO DE 1951 E A CARESTIA

O ano de 1951 trazia grandes esperanças aos ferroviários de Sete Lagoas: novo governo e muitas promessas. Mas, as esperanças foram se desfazendo aos poucos. A carne que era de Cr\$ 8,00 passou para Cr\$ 10,00, Cr\$ 12,00 e, agora, está sendo vendida a Cr\$ 14,00. O quilo de toucinho subiu Cr\$ 8,00 — de Cr\$ 15,00 para Cr\$ 18,00. O feijão está mais caro. E os trabalhadores da Central do Brasil sentem que a miséria aumenta em seus

lares com o alto custo da vida.

Muito necessário seria, em Sete Lagoas, o funcionamento de uma organização feminina, que reunisse a família dos ferroviários, mães, irmãs e esposas, para lutar pelos seus direitos, pelo direito de uma melhor vida para seus lares e seus filhos. A organização podia criar um curso de alfabetização, uma pequena biblioteca para crianças, enfim reunir as famílias num ambiente de compreensão e ajuda mútua, para conquistarem, aquilo de que tanto necessitam.

**

(Reportagem de nossa Correspondente)

**DR. IRUN
SANT'ANNA**

Clinica Médica
Consultório
Rua S. Pedro, 28
— NITEROI —
3.ªs, 5.ªs e Sábados
Das 9 às 11 horas

NA TECELAGEM LINENSE

As mulheres que trabalham na Tecelagem Linense, na cidade de Lins, em São Paulo, durante 12 horas por dia, ganham, apenas, o salário mensal de Cr\$ 500,00. 12 horas por dia, quando a jornada de trabalho consagrada no mundo inteiro é de 8 horas.

E o que farão com

Cr\$ 500,00, durante 30 dias, para comer e vestir? Passam fome. E muitas delas desmaiam no trabalho. Desmaiam de fraqueza. E é tal a situação que o gerente resolveu distribuir um copo de leite por dia para cada operária. Mas não será um copo de leite, que lhes atenderá às necessidades. Muitos co-

pos de leite serão necessários, mas esses não serão adquiridos com o salário que recebem. E um salário compensador só terão quando organizadas o conquistarem através de lutas. Um copo de leite não é o bastante para arrancá-las da exploração e da miséria em que vivem.

ASSINATURAS PELA PAZ E PELA VIDA

Os domingos e feriados são dias consagrados inteiramente à causa da paz. Dias dos coletadores de assinaturas por um Pacto de Paz. Saem de casa em casa, conversando, mostrando ao povo o perigo de uma terceira guerra mundial e que todos devem trabalhar para que não se realize esse sinistro desejo dos que visam lucros com as dores e lágrimas da humanidade. E, assim, seguem os coletadores o seu caminho: ensinando como conquistar a Paz.

Chegando à Vila Operária da Fabrica Alexandria ouvimos muitas histórias. Histórias de mulheres que trabalham e que passam fome. Histórias de baixos salários e alto custo de vida.

Por exemplo, a história de d. Avelina Peixoto, que é operária da Fabrica Apolo.

É viúva e mantém 4 pessoas com um salário semanal que não excede de Cr\$ 50,00. Paga Cr\$ 80,00 pelo casebre em que mora e que mal nos cabe. Sai para o trabalho sem nenhuma alimentação e chorando nos mostra os filhos que estão nus e, por isso, não podem ir para a escola. Cr\$ 0,30 para tirar a pele de 1 quilo de côco é a recompensa pelo seu trabalho penoso. Muitas vezes volta para casa sem ganhar nada, pois nem sempre a fabrica tem trabalho para dar.

Por isso, d. Avelina sabe muito bem porque assina o Apelo por um Pacto de Paz. Diz que seus filhos não serão criados para servir aos interesses que os capitalistas e usineiros têm numa guerra: os filhos morreriam e eles ficariam mais ricos.

Maria Augusta N. de Miranda, de Maceió (Alagoas)



Waldir Costa é um pequenino alagoano que já sabe escrever a palavra Paz, sob a bandeira de sua Pátria. Ai está ele, diante do cartaz que preparou



Augusto Cesar Ramalho, de 5 anos de idade, já é um ardoroso partidário da Paz. Ai estão as listas, cheias de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz, que ganhou no dia do seu aniversário.

repente as duas ideias volta-ram: o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada.

Foi levantar o testo, recebeu na cara vermelha uma baforada de vapor. Não é que ia deixando a comida esturrar? Pôs agua nela e remexeu-a com a quenga preta de côco. Em seguida provou o caldo. Ensosso, nem parecia boia de cristão. Chegou-se ao girau onde se guardavam combustos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela.

Agora pensava no bebedouro, onde havia um liquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca.

Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vengonha à gente? Arreliava-se com a comparação.

Pobre do papagaio. Viaria com ela, na gaiola que balancava em cima do baú de folha. Gaguejava: «Meu louro». Era só o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como a Baleia. Coitado. Sinhá Vitoria nem queria lembrar-se do quilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda. A referencia aos sapatos abria-lhe uma ferida e a viagem reaparecera. As alpercatas dela tinham sido gastas nas pedras. Cançada, meio morta de fome, carregava o filho mais novo, o baú e a gaiola do papagaio. Fabiano era ruim.

— Mal agradecido.

Olhou os pés novamente. Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da familia. Naquele momento ele estava zangado, fitava na cachorrinha as pupilas sérias e caminhava aos tombos, como os matutes em dias de festas. Para que Fabiano fôra despertar-lhe aquela recordação?

Chegou à porta, olhou as folhas amarelas das catinzeiras. Suspirou. Deus não havia de permitir outra desgraça. Agitou a cabeça e procurou ocupações para entreter-se. Tomou a cuia grande encaminhou-se ao barreiro, encheu dagua o caco das galinhas, endireitou o poleiro. Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panelas de losna. E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os:

Safadinhos! Porcos! Sujos como...

Deteve-se. Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios.

Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira na sala, por baixo do caritô, e sinhá Vitoria voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo. A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as telas de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o girau, coçava-se com os dentes e pegava moscas. Ouviam-se distintamente os rancos de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influiu nas ideias de sinhá Vitoria. Fabiano roncava com segurança. Provavelmente não havia perigo, a seca devia estar longe.

Outra vez sinhá Vitoria a

sonhar com a cama de lastro de couro.

Mas o sonho se ligava à recordação do papagaio, e foi-lhe preciso um grande esforço para isolar o objetivo do seu desejo.

Tudo ali era estavel, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe uma sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no um calombo de madeira. E meio do catre havia um nó, ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro. A principio não se incomodara. Bamba, moida de trabalhos, deitar-se-ia em pregos. Vieira, porém, um começo de prosperidade. Comiam, enfiavam. Não nussuiam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles — e eram quase felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava sinhá Vitoria. Como já não se estava em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando. E o costume de encafiar-se ao escurecer não estava certo, que ninguém é galinha.

Nesse ponto as ideias de sinhá Vitoria seguiram outro caminho que pouco depois foi desembocar no primeiro. Não era que a raposa tinha passado no rabo a galinha pedrez? Logo a pedrez, a mais gorda. Decidiu armar um mundeu perto do poleiro. Encolerizou-se. A raposa pagaria a galinha pedrez.

— Ladrona.

Pouco a pouco a zanga se

transferiu. Os rancos de Fabiano eram incuportaveis. Não havia homem que rancasse tanto. Era bom levantar-se e procurar uma vara para substituir aquele pau amaldiçoado que não deixava uma pessoa virar-se. Porque não tinham removido aquela vara incomoda? Suspirou. Não conseguiam tomar resolução. Paciencia. Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomaz da bolandeira. Seu Tomaz tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alizada a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro crú em cima, bem esticado e bem pregado. Ali odiava um cristão estirar os ossos.

Se vendesse as galinhas e a marrá? Infelizmente a excomungada raposa tinha comido a pedrez, a mais gorda. Precisava dar uma lição à raposa. Ia armar o mundeu junto do oleiro e quebrar o espinhaço daquela semvergonha.

Ergueu-se foi à camarinha procurar qualquer coisa, voltou desanimada e esquecida. Onde tinha a cabeça?

Sentou-se na janel'a baixa da cozinha, desgostosa. Vendéria as galinhas e a marrá, deixaria de comprar querozeiro. Inutil consultar Fabiano, que sempre se entusiasmava, arumava projetos. Esfriava logo — e ela franzia a testa, entantada, certa de que o marido se satisfazia com a ideia de possuir uma cama. Sinhá Vitoria desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomaz da bolandeira.

COMOVENTE CARTA DA MÃE DE UM MARUJO

«**MOMENTO FEMININO**» recebeu da sra. Josefa Alves Bezerra, residente em Pina, Recife, Pernambuco, uma comovedora carta.

E' ela mãe de um dos muitos jovens brasileiros que se encontram nos EE. UU., há longos meses, ameaçados de seguirem a qualquer momento para a Coreia ou outra frente de combate.

Publicamos a seguir a referida carta:

«Pina, 23 de Novembro de 1951.

Outra vez venho trazer-vos as minhas simples palavras dentro do sentimento que vibra em meu coração de mãe.

Aproxima-se Dezembro, e já estamos pedindo aos nosso Pai para que o Novo Ano nos traga a realização dos desejos, já estamos pedindo ao nosso

filhos, dos nossos esposos e dos nossos irmãos, e finalmente do mundo inteiro. Hoje sentimos a saudade dos nossos filhos que se acham distantes sem podermos vê-los um instante, sequer.

A saudade do alvorecer da manhã ao despertarmos, nos lembrando dos nossos filhos ausentes, ouvindo o chilrear dos passaros, e o canto dos galos nos convidando para a luta do dia, em que ao certo não sabemos qué ele nos traz de bom ou de mau.

Revemos nessas manhãs tristes para nós os rostos ansiosos dos nossos entes queridos que não sabemos em que circunstancias se acham, e depois de buscarmos pelo pensamento, de joelhos pedimos, ao nosso Pai dos Céus toda sorte de felicidades para eles, a fim de confortá-los.

Mães, esposas, irmãs, levemos a eles o nosso conforto em uma só vibração de Harmonia dentro da Unificação das nossas almas.

Esqueçamos de nós e dos que estão conosco, e nos consagremos inteiramente a eles.

O eco do nosso apêlo persiste no Invisível, e ressoa bem forte nos corações dos homens da nossa terra.

Deixemos que os nossos corações se dilatam, que vibrem, que sangrem mesmo. O mdo do Brasil e mdo do mundo inteiro!!

Esta é a vibração de paz de uma mãe, que pede na paz e na concórdia a vida jovem do filho único, das suas entranhas, o seu amparo e a sua felicidade na terra, ela pede também pelos seus fi-

lhos, e convosco compartilha na mesma dor.

Queridas companheiras, não desanimemos; confiemos sempre, e esperemos com paciência, que havemos de vê-los felizes, e sermos felizes também.

Aqui termino na paz desejando paz para o mundo inteiro.

Josefa Alves Bezerra

EXPEDIENTE

Diretora

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração: Rua Evaristo da Veiga, 16 Sala 808

— RIO —

Vida de Momento Feminino

CORREIO FEMININO

Iniciamos hoje a publicação de trechos de cartas de nossas representantes, que constituem parte da Vida de Momento Feminino

URUGUAIANA — (Rio Grande do Sul) — Carta de nossa representante Deusina Goulart, de 14-12-51:

«...Estamos com dificuldades financeiras no momento, para remeter uma ajuda extraordinária, mas resolvemos aumentar nosso trabalho a favor do nosso jornal e por isso solicitamos que as amigas nos remetam, já no próximo número mais 40 jornais...»

GETULIO VARGAS — R. Grande do Sul) — Carta de um leitor de 24-12-51:

«...Envio aparte desta cr\$ 60,00 para a Campanha de Finanças de MOMENTO FEMININO, colhido por minha esposa Anastacia Camnev...»

GOIANIA — (Goiás) — Carta de nossa representante Arturmira Meireles, de 29-12-51:

«...Quero ressaltar a amiga que já pedi aumento de 10 exemplares... E agora como já sei que há possibilidades de vender bastante, quero que a amiga faça-me o favor de enviar 150 exemplares. Eu tenho muito interesse em divulgar o nosso jornalzinho, isto é, o jornal da mulher, porque nele encontramos as formas de como devemos lutar para baixar o custo da vida, para que os nossos filhos, maridos, irmãos não vão morrer numa guerra...»

SANTO ANDRE' — (Est. de S. Paulo) — Carta de nossa representante Nubias Poianan, de 28-12-51:

«...Que 1952 seja um ano de Paz, e de prosperidade para o nosso estimado jornalzinho, que tanto útil foi até aqui, na luta pela paz e das reivindicações das mulheres...»

PARABENS, AMIGAS!

Estão de parabens especiais nossas representantes de SANTOS (São Paulo), Goiânia (Goiás), e de Maceió (Alagoas), porque aumentaram, de uma só vez, em 250, 130 e 100 exemplares a venda de MOMENTO FEMININO em suas cidades.

Que o exemplo destas amigas sirva de estímulo para que outros representantes aumentem a difusão de nosso querido jornalzinho entre as mulheres de nosso Brasil, levando-as assim para a luta por uma vida melhor para nosso povo e pelo progresso do país.

RIFA DE NATAL

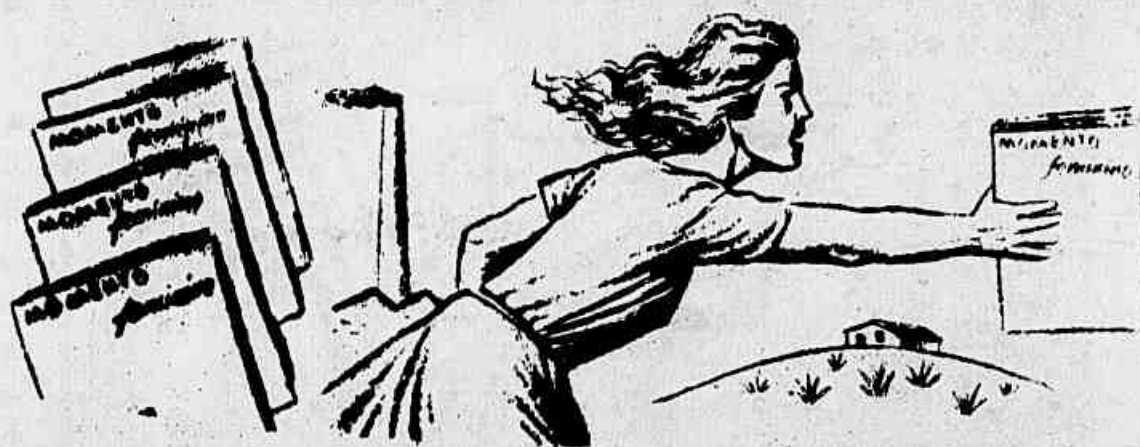
Comunicamos às nossas amigas e leitoras que o resultado foi o seguinte:

- 1º prêmio — 718 — Ilheus.
2º prêmio — 265 — D. Fed. (Santo Cristo)
3º prêmio — 955 — Niterói
4º prêmio — 633 — P. Alegre
5º prêmio — 763 — Corumbá

Chamamos a atenção de todas as amigas que não têm direito aos prêmios aquelas que até a véspera da extração não deram notícia alguma sobre a venda dos bilhetes.

Pedimos a todas que nos prestem contas, o mais rapidamente possível, desse PRESENTE DE NATAL.

NOVOS REPRESENTANTES



DISTRITO FEDERAL —	
CASCADURA EFCB	— Elza Coutinho ... 10
BENTO RIBEIRO	— Guilhermina ... 70
BANGU — EFCB	— Zuleica Reis ... 40
IRAJÁ — EFR d'Ouro	— Eulina ... 50
CENTRO	— Eunice ... 10
IAPI	— Ana ... 10
GOIÁS — PIRES DO RIO	
Rosalina Nunes	10
SÃO PAULO — JUNDIAÍ	
Isabel Tassa	10
210	

AUMENTARAM SUAS COTAS

ALAGOAS	
— Maceió — M. Augusta Miranda mais	100
GOIÁS	
— Anápolis — Absínio Monteiro, mais	20
— Goiânia — Arturmira Meireles, mais	130
S. PAULO	
— Araraquara — Merita Cunha, mais	20
— Assis — Zilda Luporeli, mais	5
— Marília — João Consuelo, mais	10
— Santos — Odete Vieira de Souza, mais	250
R.G.DO SUL	
— Uruguaiana — Dauzina Goulart, mais	40
D. FEDERAL	
— Leopoldina — Anita Prazeres, mais	30
— Laranjeiras — Alice Brandão, mais	5
— M. Hermes EFCB — Iara Fernandes, mais	6
E. DO RIO	
— Nova Iguaçu — Graciema Fonseca, mais	30
— Macaé — Zilda Aguiar, mais	5
MATO GROSSO	
— Campo Grande — Antonia M. da Silva, mais	20

TOTAL do aumento de venda avulsa: 871 exs.

DIMINUIRAM SUAS COTAS

Mato Grosso — CORUMBA'		Menos
— Ramão Aguilera	30	exs.
Minas Gerais — RAPOSOS	— Francisca Lazarina	5 exs.
Rio de Janeiro — CAXIAS	— Elaine B. Bezerra	30 exs.
São Paulo — OURINHOS	— Deolinda Costa	20 exs.
Dist. Federal — Jacarepaguá	— Conceição Gonzaga	40 exs.

Movimento Financeiro de Momento Feminino durante Out. Nov. e Dez. de 51

RECEITA

Donativos especiais para a impressão dos n° 87, 88 e 89...	Cr\$ 24.000,00
Venda avulsa nos Estados	Cr\$ 6.727,80
Venda avulsa no D. Federal	Cr\$ 1.233,00
Assinaturas	Cr\$ 404,00
Anúncios	Cr\$ 400,00
Donativos	Cr\$ 605,00
Circulo de amigas	Cr\$ 3.305,00
«Presente de Natal»	Cr\$ 2.200,00
Finança extraordinária (festas, bazar, palestras, bonus, cinema, etc)	Cr\$ 5.916,00
	Cr\$ 44.790,80
Saldo em Caixa do mês de setembro	Cr\$ 587,00
Total	Cr\$ 45.378,50

DESPESA

Impressão dos numeros 87, 88 e 89	Cr\$ 25.500,00
Composição dos numeros 88 e 89	Cr\$ 2.000,00
Papel para os numeros 88 e 89	Cr\$ 6.581,50
Aluguel da sede (3 meses)	Cr\$ 2.850,00
Imposto localização (ano de 1951)	Cr\$ 1.398,20
Despachante	Cr\$ 500,00
Auxiliar (4 meses)	Cr\$ 2.000,00
Expediente	Cr\$ 1.602,50
Correio e Telegrafo	Cr\$ 619,20
Transporte (taxi, caminhão, etc.)	Cr\$ 654,00
Transporte Aéreo	Cr\$ 624,60
	Cr\$ 44.330,50
Saldo em Caixa para Janeiro de 1952	Cr\$ 1.048,00
TOTAL	Cr\$ 45.378,50



Cena do filme tcheco «AS TREVAS» com a jovem artista Jirina Svorkova.

OUTROS FILMES

«O amor sem fim», com Gary Cooper e Ann Harding, foi outro bonito filme romântico. Neste ele era um condenado à prisão perpetua, mas que por encontros imaginários com sua amada encontrava a liberdade em campos floridos. Assim envelheceram os dois, até que um dia percebem que estarão unidos para sempre.

Os temas dos filmes de amor eram ingenuos e, porque não dizer, mesmo açucarados. Mas a verdade é que neles existia a sensibilidade que morreu nos filmes atuais, onde o amor não existe, propriamente, e sim as complicações psicanalíticas ou as competições e luta do sexo, levando as histórias para o ódio ou o crime passionai.

Lembrando o amor que morreu no cinema na degenerescência ocidental, terminaremos este retrospecto sobre os velhos filmes de amor, lembrando «O amor que não morreu» filme de Frederic March Norma Shearer, Leslie Howard e outros, última produção que fechou o ciclo de filmes de amor à maneira romantica para os plateias sentimentais.

Yolandino Maia

Os chamados filmes de amor, hoje raramente produzidos nesta avalanche de violências, erotismo e insensibilidade do cinema ocidental, eram filmes dedicados às plateias românticas, onde as cabeças unidas dos namorados contemplavam na penumbra das salas de projeções os beijos de amor dos famosos namorados da tela. E, enquanto os beijos na plateia e na tela cresciam e se multiplicavam, a gurizada associava, marcando a contagem como se fosse escore de futebol.

Eram filmes bonitos, onde a dedicação, a renúncia em promessas de amor eterno batizavam suas histórias com um sentido de vida que, entre uma lágrima e um sorriso, transmitia ao espectador sentimental o enlévo que somente as imagens e a música aliados na cinematografia conseguem oferecer às plateias românticas.

«SETIMO CEU»

«Setimo Ceu», filme clássico como padrão do romantismo no cinema, ainda hoje é lembrado em suas duas versões cinematográficas; a primeira silenciosa, dirigida por Franc Borsage, com Janet Gaynor e Charles Farrel e, a segunda, falada, de Henry King com Simone Simon e James Stewart nos papéis de Chico e Diana.

Sua história é simples e conhecida: — um garí dos esgotos de Paris possuía um único ideal: — ser garí do subsolo. Um dia encontra uma moça pobre e a acolhe em seu sótão, no 7º andar de uma velha mansarda. O amor os une e quando pensam em casar, é deflagrada a guerra de 1914. Sem tempo para que fosse realizado o casamento, os dois unem-se não pelas palavras do padre ou pelo registro de cartório, mas sim pela sinceridade de seus sentimentos.

Antes de partir, Chico contempla Diana, vestida de branco, a fim de guardar seu retrato vivo na memória, e combinam elevar os seus pensamentos todos os dias, numa hora certa, no sentido de se unirem através da distância, proferindo as três palavras: Chico, Diana e Ceu.

Chico parte para a guerra, e, quando é dado como morto, Diana não acredita, porque sente ainda sua presença nos encontros imaginários. Passam os meses e Chico volta cego; mas em sua memória permanecera vivo o retrato de Diana vestida de branco.

«Setimo Ceu», com seu romantismo, talvez exagerado, hoje, foi um filme anti-querreiro, onde a simplicidade, o amor e a dedicação eram exemplos positivos para as plateias.



FADA SANTORO e o ator GRAÇA MELO que tanto êxito obtiveram com a peça «MASSACRE» no filme «TOCALIA». FADA SANTORO aparecerá este ano no filme da ATLÂNTIDA, «AREIAS ARDENTES».